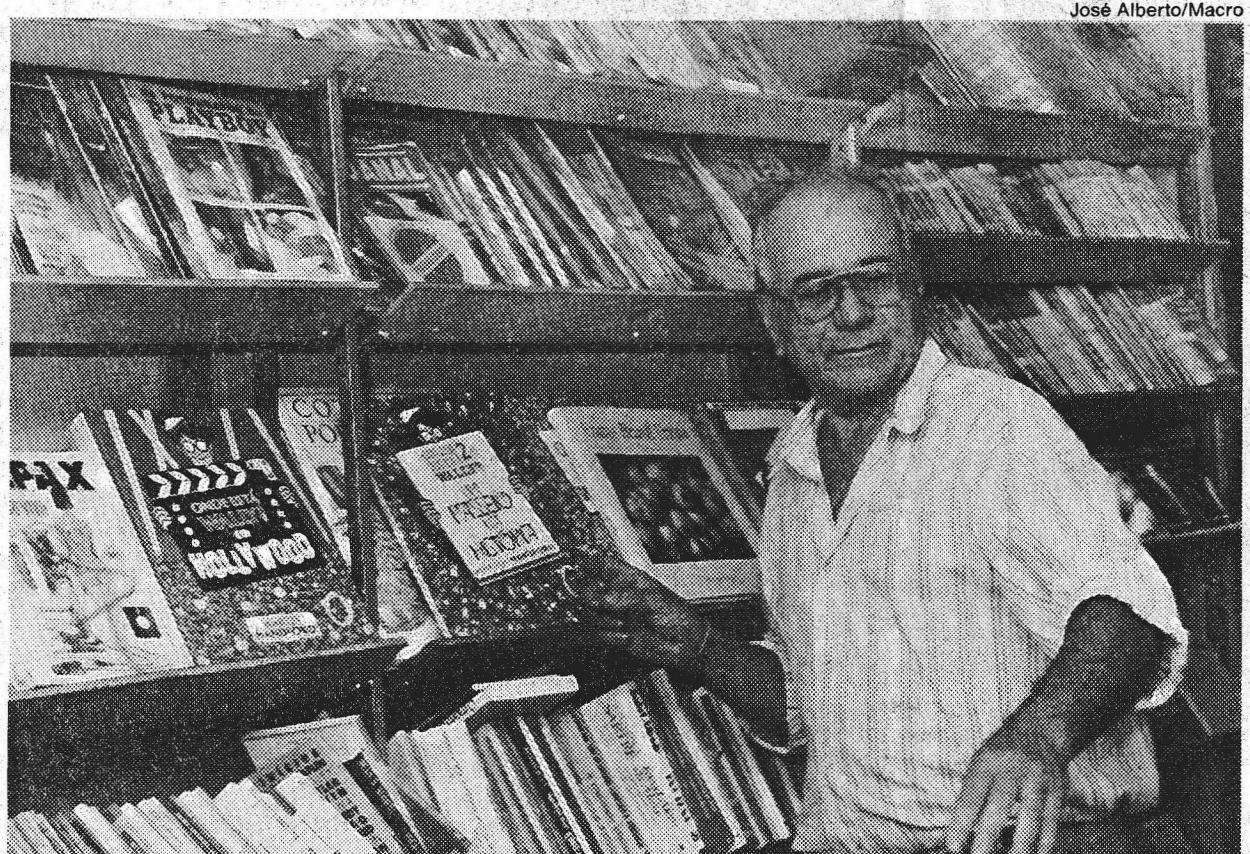


Os casos de amor explícito pela cidade

■ Um pioneiro da primeira hora e outro brasiliense bem mais recente deixaram-se conquistar para sempre por Brasília



A tradição tem só 34 anos em Brasília, mas os que aqui chegaram quando a cidade era apenas um canteiro de obras têm tanto orgulho de seu pioneirismo quanto qualquer quatrocentão paulista. Entre os pioneiros, muitos podem contar sobre um almoço que tiveram com o presidente Juscelino Kubitschek na Cidade Livre, ou falar a respeito das caravanas que chegavam diariamente com gente de todo o país, no mais autêntico clima de faroeste. Quem veio mais tarde não é diferente; algumas pessoas até gostam de aumentar um pouquinho o seu tempo de Brasília só para fazer parte do fechado círculo dos pioneiros. Seja como for, todos eles têm um modo muito especial de demonstrar amor pela cidade: trabalhar muito, como fazem desde o primeiro dia em que pisaram o chão brasiliense.



Seu Lourivaldo anuncia uma homenagem: vai se aposentar no dia do aniversário da cidade

Uma banca com muita história

O baiano Lourivaldo Soares Marques, jornaleiro, conta que chegou a Brasília no dia 13 de fevereiro de 1960. "Estava em São Paulo, onde era estudante e, numa segunda-feira, sonhei que estava vindo para Brasília. Eu sempre prestei muita atenção aos sonhos, de modo que resolvi vir."

Lourivaldo chegou com algumas peças de roupa e foi morar com um amigo, jornaleiro, dono de uma banca no único lugar do Plano Piloto com algum movimento de pessoas: a 508 Sul. Trabalhando com ele, resolveu entrar no ramo e conseguiu, com um jornalista, financiamento para construir a primeira banca, na comercial da 108 Sul. Em 1961, mudou a banca para o lugar

que ocupa até hoje, na entrada da quadra 108 Sul.

Homenagem — Lourivaldo é um dos brasilienses que têm muitos casos sobre a cidade para contar: "Me lembro dos fardos com a edição histórica da *Manchete*, sobre a inauguração de Brasília." Também se lembra de que, quando conseguia vender 10 exemplares de jornal num só dia comemorava o "grande movimento".

Lourivaldo vende jornais, livros e revistas, e costuma conseguir publicações mais raras para seus clientes. Toda venda é acompanhada de um sorteio: e se o signo do comprador é sorteado, este ganha um desconto de 50%.

Nesta próxima quinta-feira, dia de aniversário da cidade, o jornaleiro Lourivaldo vai se aposentar. "É uma forma de homenagear a cidade", entende ele. O espírito de aventura, no entanto, não o abandona. Aos 56 anos, vai começar de novo, em Caldas Novas, Goiás, onde já inaugurou a Hotel Astral Cultural. A experiência na banca deu-lhe algumas novas idéias, que deseja pôr em prática no novo negócio. Por exemplo, nos quartos de sua pousada o hóspede vai ter, além dos equipamentos de praxe, o "Livraria-Bar". E, com direito a sorteio do signo para desconto, gibis para as crianças.

O produtor cultural Genilson Pulcineli, 40 anos, chegou a Brasília em 1972. Estudante de pedagogia, foi trabalhar, é claro, como professor. Três anos depois a escola perdeu um professor, mas a cidade ganhou um de seus mais ativos produtores culturais. A paixão pela dança o aproximou da bailarina e coreógrafa Norma Lilia, diretora da mais importante escola de dança de Brasília. Casaram-se em 1976. A academia passou a ter reconhecimento do MEC como curso profissionalizante na área de dança.

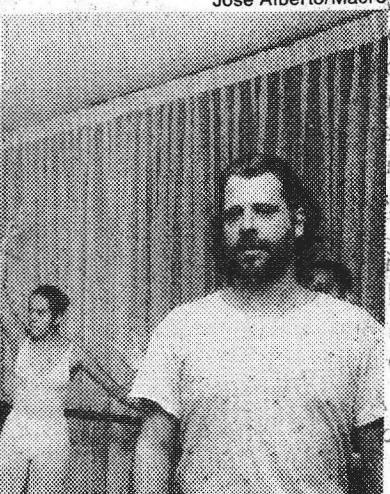
A primeira produção, no ano seguinte, foi "O Quebra Nozes". "Fizemos os grandes clássicos, sempre com excelente qualidade", conta ele.

Os vôos mais altos começaram, ainda na década de 70, num trabalho sob a direção de Hugo Rodas. "A Casa de Bernarda Alba", de Federico García Lorca, foi apresentada com grande sucesso em Grana, na Espanha, num festival em homenagem ao dramaturgo espanhol. Em Portugal, a Rádio e Televisão Portuguesa colocou o grupo em rede nacional por 12 minutos. Na Rússia, uma das bailarinas, Daniela Graça, fez tanto sucesso que não voltou para o Brasil. Ainda hoje está na Europa, fazendo uma carreira de sucesso.

Reconhecimento — Para Genilson, há um reconhecimento da qualidade do trabalho de dança desenvolvido em Brasília, que cresce a cada dia. "Brasília sempre foi uma cidade exportadora de talentos e agora é uma cidade que leva sua produção cultural a qualquer lugar

A dança é a paixão da vida de Genilson

José Alberto/Macro



Genilson Pulcineli

do mundo, sempre com sucesso", afirma. No interior do Brasil e nas capitais menores, o público recebe esse trabalho com mais entusiasmo. "Somente no Rio e em São Paulo ainda se sente que há preconceito contra Brasília."

Para Genilson, a cidade favorece a criação. "Talvez porque aqui seja tudo muito novo, as pessoas vêm de lugares diferentes, com culturas diferentes. Isso é um caldo de cultura muito interessante" - acredita. Ele cita o grupo EnDança, nascido na Universidade de Brasília, como um exemplo desse fenômeno.

O próprio Genilson começa a ter reconhecida a qualidade do trabalho que desenvolve, com produção 100 por cento brasiliense. Em outubro, ele embarca com sua troupe para os Estados Unidos, onde vai apresentar o espetáculo "O Límitante", dirigido por Norma Lilia, no Festival de Teatro Hispânico — Teatro Avanti.